

SARMIENTO E ALBERDI: O DIAGNÓSTICO DOS MALES NA ARGENTINA DO SÉCULO XIX

Cesar Augusto Barcellos Guazzelli¹

RESUMO. Esse artigo trata da trajetória intelectual de dois políticos argentinos, cuja atividade tornou-se fundamental para entender o pensamento sobre o país no século XIX: Domingos Faustino Sarmiento e Juan Baptista Alberdi. Nutriam idéias de determinismo climático, racial e geográfico. Suas obras tiveram grande repercussão em toda a América Latina.

Palavras-chave: Percurso intelectual; nacionalismo; História Argentina.

SARMIENTO AND ALBERDI: THE DIAGNOSTIC OF EVIL ON NINETEEN

ABSTRACT. The paper deals with the intellectual course of two Argentinean's politicians. Whose activity had been important to understand the whole thought about the country during nineteenth: Domingos Faustino Sarmiento and Juan Baptista Alberdi. Theirs books had very well done backwash in Latin America.

Key words: Intellectual course; nationalism; Argentinean History.

INTRODUÇÃO

A produção de conhecimento histórico na Argentina encontraria em meados do século passado uma linha divisória característica. O período de transição que vivia a sociedade, que se desvincilhara da dominação colonial ibérica e tentava sua articulação ao capitalismo internacional, enfrentava dificuldades muito grandes. A falta de um grupo hegemônico que impusesse seus interesses, e a resistência das oligarquias fundiárias à construção de um Estado nacional, estivera na base do longo período de lutas internas, ininterruptas praticamente de 1810 a 1862, quando se sacramentaria o pacto político conhecido por Estado

¹ Professor Adjunto do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS.

Oligárquico. Fundamentalmente o que acontecia era um choque de interesses entre a elite pecuária de região portenha, detentora da atividade produtiva com maior valor comercial, além de dominar os direitos alfandegários, contra as demais oligarquias interioranas que recusavam esta dominação contrária aos seus direitos mais diretos. Tanto os governos *unitários* – defensores de um Estado centralizado – como *federales* – que almejavam as autonomias provinciais – não conseguiram equacionar adequadamente o problema.

Foi nesse meio que viveram, escreveram e participaram politicamente Domingo Faustino Sarmiento e Juan Bautista Alberdi. Conscientes de que a independência não trouxera o desenvolvimento para as jovens nações latino-americanas, procuraram pioneiramente as causas que justificassem o atraso da sociedade argentina em relação às nações desenvolvidas. O significado de suas obras teria uma importância enorme para justificar o modelo liberal como forma de desenvolvimento nacional, com repercussões ainda presentes nos dias de hoje. Um outro destaque às suas obras relaciona-se a uma concepção original na época, na medida em que tentaram provar “cientificamente” seus pontos de vista, o que é uma ruptura importante com a historiografia romântica de até então. Finalmente, foram homens de uma ativíssima atuação política, primeiramente como aliados na luta contra o governo de Juan Manuel de Rosas, e mais tarde como adversários ferrenhos no período que se seguiu à queda do poderoso governador de Buenos Aires. De qualquer forma, sua produção histórica tentando determinar as causas da “anomalia” que pensavam ser a sociedade Argentina – mesmo não tendo seus trabalhos a lógica interna que apareceria no positivismo do final do século, e não se constituindo enquanto um corpo teórico fechado – e o grau de “cientificidade” que alcançaram justificou-lhes a fama de maiores pensadores argentinos do século XIX.

Esse trabalho será desenvolvido em torno de duas obras fundamentais: de Sarmiento o clássico “Facundo”², escrito em 1845, onde foi criada a célebre antinomia entre “civilização e barbárie”; de Alberdi “Bases”³, publicado em 1852, que serviu como âncora para a constituição Argentina do mesmo ano; como apoio, serão usados, eventualmente,

² SARMIENTO, Domingo Faustino. Facundo o Civilización y Barbarie. Buenos Aires: Editorial Sopena Argentina, 1952.

³ ALBERDI, Juan Bautista. Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina. Buenos Aires: Plus Ultra, 1984.

algumas outras obras destes autores⁴. A primeira parte constará da análise das causalidades que os autores levantam para justificar o atraso da sociedade argentina, onde aparece claramente o que eles supunham fossem razões naturais, portanto passíveis de uma apropriação científica. A segunda parte procurará levantar a forma como se desenvolve o pensamento político de ambos, tendo em vista a maneira como viam a história e propunham soluções para os “males” do país. A conclusão dirá respeito às limitações que apresentam, os condicionamentos ideológicos que permeavam as produções de Sarmiento e Alberdi.

1. CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE: O RESULTADO DE UM CONDICIONAMENTO “NATURAL”

O contraponto fundamental “civilização x barbárie” parte de uma apreciação geral que transforma uma dada situação concreta em paradigma, interpretando os casos distintos como desvios deste paradigma como “anomalias”⁵. Nesse sentido, para os autores liberais do século passado, entre eles Sarmiento e Alberdi, as sociedades latino-americanas se apresentavam como sociedades européias “incipientes”, com elementos que as aproximavam e outros a que se atribuía um caráter desviante. O fato objetivo de que a independência contrariara a expectativa das elites *criollas* não trazendo como consequência imediata o “progresso” das antigas colônias levou os autores a desenvolver uma série de relações de causalidade que justificasse o “atraso”. A busca das razões “estruturais” deste descompasso em relação à Europa e aos Estados Unidos, pode ser considerada como a primeira aproximação sistemática, “sociológica”, que distingue Sarmiento e Alberdi dos autores que os precederam. Os problemas que apresentava a Argentina estariam relacionados a causas “naturais”⁶, que procuraremos detalhar a seguir.

⁴ ALBERDI, Juan Bautista. Governar é Povoar. Preâmbulo de *Bases e Pontos de Partida para a Organização Política da República Argentina*. Rio de Janeiro: Divisão de Cooperação Intelectual do Ministério de Relações Exteriores, 1941. *Cartas Quillotanas*. Buenos Aires: Ediciones Estrada, 1945. SARMIENTO, Domingo F. El Chacho. In: *Vidas del Chacho*. Buenos Aires: Rodolfo Alonso Editor, 1973.

⁵ CHIARAMONTI, J. Carlos. Génesis del “Diagnóstico” Feudal en la Historia Hispano-Americana. In: *Formas de Sociedad y Economía en Hispano-América*. México: Editorial Grijalbo, 1983. p. 52-63.

⁶ ZORRILLA, Rubén H. *Extracción Social de los Caudillos*. Buenos Aires: La Pleyade, s/f, p. 9-10.

1.1 A questão étnica

Um dos pontos essenciais tanto em Sarmiento quanto em Alberdi é a questão racial. A dicotomia entre civilização e barbárie tem neles uma ampla relação de equivalências que termina necessariamente em “homem europeu” e “homem americano”. O europeu, especialmente do norte, é um tipo humano “superior” ao ameríndio, ao negro e ao asiático, sendo esta a contingência última de seu crescimento intelectual, conseqüentemente cultural e político. Sarmiento trata enfaticamente esta questão:

El pueblo que habita estas extensas comarcas, se compone de dos razas diversas, que mezclándose forman medios tintes imperceptibles, españoles y indígenas (...) La raza negra (...) ha dejado sus zambos y mulatos (...) eslabón que liga al hombre civilizado con el palurdo (...) Por lo demás, de la fusión de estas tres familias ha resultado un todo homogéneo, que se distingue por el amor a la ociosidad y incapacidad industrial (...) Mucho debe haber contribuido a producir este resultado desgraciado la incorporación de indígenas que hizo la colonización. Las razas americanas viven en la ociosidad, y se muestran incapaces, aun por medio de la compulsión, para dedicarse a un trabajo duro y seguido. Esto sugirió la idea de introducir negros en América, que tan fatales resultados ha producido. Pero no se ha mostrado mejor dotada de acción la raza española cuando se ha visto en los desiertos americanos abandonada a sus propios instintos.⁷

Conforma observa Maria Ligia Prado, o resultado negativo da miscigenação é o tema central da obra de Sarmiento *Conflicto y Armonía de las Razas en América*, onde aparece este exemplo:

Em que se distingue a colonização da América do Norte? Em que os anglo-saxões não admitiram as raças indígenas nem como sócios (...) em que se distingue a colonização espanhola? Em que se estabeleceram um monopólio de sua própria raça, que não havia saída da Idade Média ao transladar-se para a América a absorveram em seu sangue uma raça pré-histórica e servil.⁸

É clara a concepção da superioridade dos brancos em relação aos demais tipos étnicos, bem como, de uma maneira mais velada, uma

⁷ SARMIENTO, *Facundo...*, p. 23-24.

⁸ SARMIENTO, apud. PRADO, Maria Ligia. “America Latina: Tradição e Crítica”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: setembro de 1981, p. 170.

relativa inferioridade do europeu meridional em relação ao do norte. Apesar de apontar, como veremos adiante, outras causas “naturais”, a questão racial é de suma importância na compreensão do pensamento de Sarmiento que, anos depois, buscaria no evolucionismo de Darwin mais justificativas para suas idéias.⁹

Nesse sentido, Alberdi compartilha idéias análogas. Em seu texto *Governar é Povoar*, que serve de preâmbulo à edição brasileira de “Bases”, é igualmente clara sua noção de superioridade do branco particularmente dos anglo-saxões, como neste paralelo que traçou entre as colonizações na América do Norte e do Sul:

Se a população de seis milhões de anglo-americanos que começou a República dos Estados Unidos, em vez de aumentar-se com imigrados da Europa livre e civilizada, se houvesse povoado com chinos ou com índios asiáticos, ou com africanos, ou com otomanos, seria o mesmo país de homens livres que é hoje em dia? Não há terra tão favorecida que possa, por sua própria virtude, transformar joio em trigo. (...) Povoar é civilizar, quando se faz com gente civilizada, isto é, com populações da Europa civilizada. (...) Povoar, porém, não é civilizar, senão embrutecer quando se povoa com chinos e com índios da Ásia e com negros da África.¹⁰

Em *Bases*, há diversos momentos onde Alberdi pondera a importância negativa da ancestralidade ibérica que, associada ao clima, contribui para a pouca racionalidade que exigia uma organização política eficiente que encaminhasse ao país para o progresso, ou seja, liberalismo econômico e político. O trecho a seguir é muito explícito:

La exaltación del carácter español, que nos viene de raza, y el clima que habitamos, no son condiciones que nos hagan aptos para la política, que consta de prudencia, de reposo y de concesión (...) ¹¹

Esta herança impedia que os preceitos civilizados dos países desenvolvidos fossem permeáveis à população da campanha, incapacitada pelas origens ibéricas e pela mistura com outras raças, equiparada aos ameríndios ainda em estágio de selvageria:

⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino. Darwin: síntesis de la evolución del pensamiento laico. *Evolución*. Buenos Aires: Sociedad Luz, sin fecha.

¹⁰ ALBERDI, Juan B. *Governar é Povoar*, op. cit., p. 34-36.

¹¹ ALBERDI, *Bases...*, p. 221.

Paradojal y utopía es el propósito de realizar las concepciones audaces de Sièyes y las doctrinas puritanas de Massachussets, con nuestros peones y gauchos que apenas aventajan a los indígenas.¹²

No entanto, Alberdi não apela para os evolucionistas, e até rechaça a teoria demográfica de Malthus, contrastando as diferenças entre os problemas vividos pela Europa com as necessidades das nações americanas, cuja grande afirmação eram os Estados Unidos da América em fase de grande expansão populacional:

Por ejemplo, en presencia de la crisis social que sobrevino en Europa a fines del último siglo por falta de equilibrio entre las sustancias y la población, la política económica protestó por la pluma de Malthus (...) Los Estados Unidos tienen la palabra antes que Malthus con su ejemplo práctico en materia de población; con su aumento rapidísimo han obrado los milagros de progreso que los hace ser el asombro y la envidia del universo.¹³

Desta forma, de acordo com os dois autores, a tarefa de um governo realmente preocupado com o “progresso” passaria necessariamente por um redimensionamento da população. Lançava-se assim, a justificativa ideológica para o incentivo da imigração europeia, que se daria no apogeu do Estado Oligárquico. Tal imigração – sabidamente resultado do desenvolvimento do capitalismo na Europa – teria nos autores trabalhados, e a partir de então, uma conotação de “depuração” racial, essencial dentro da tarefa “civilizadora” do Estado. Papel análogo teve a *conquista del desierto*, com a ocupação militar da Patagônia, extermínio das *tolderías* indígenas e apropriação privada das terras.

1.2 A questão geográfica

Também arrolada como causa “natural” do atraso, especialmente por Sarmiento, seria o condicionamento oferecido pelo meio ambiente, obedecendo a uma ótica tipicamente “evolucionista”, como o anterior. Entrariam em jogo, principalmente, a extensão territorial que implicava num vazio populacional relativo, e a hostilidade característica do ambiente natural.

¹² Id. Ibid, p. 232.

¹³ Id. Ibid, p. 239.

El mal que aqueja a la Republica Argentina es la extensión; el desierto la rodea por todas partes, se le insinúa en las entrañas; la soledad, el despoblado sin una habitación humana (...) Esta extensión de las llanuras imprime, por otra parte, a la vida del interior cierta tintura asiática que no deja de ser bien pronunciada (...) Así es como en la vida argentina empieza a establecerse por estas peculiaridades el predominio de la fuerza brutal, la preponderancia del más fuerte, la autoridad sin límites y sin responsabilidad de los límites y sin responsabilidad de los que mandan, la justicia administrada sin formas y sin debates.¹⁴

A vida nas propriedades rurais desde o início condicionava seus povoadores ao convívio com o sacrifício dos animais, habituando-os ao sangue derramado, e ao manejo dos cavalos, o que daria a base para as *montoneras* das guerras civis. Sarmiento salienta a precocidade com que iniciava esta a intimidade dos homens da campanha com as montarias e com os instrumentos de trabalho das propriedades pecuárias:

Los niños ejercitan sus fuerzas y se adiestran por placer en el manejo del lazo y de las boleadoras (...); cuando son jinetes, y esto sucede luego de aprender a caminar, sirven a caballo algunos quehaceres; (...) cuando la pubertad asoma, se consagran a domar potros salvajes (...)

Aquí principia la vida pública, diré, del gaucho, pues que su educación ya está terminada.¹⁵

Além destes determinantes que exerce sobre os homens, a geografia do país permite uma outra dedução sagazmente feita por Sarmiento para justificar a necessidade de um governo *unitario*, centralizado em Buenos Aires: a própria natureza argentina assim o exigia, já que se tratava da única abertura para o Atlântico, sendo o Rio da Prata a confluência “natural” de todos os principais rios, vale dizer de todo o país:

Norte América está llamada a ser una federación, menos por la primitiva independencia de las plantaciones, que por su ancha exposición al Atlántico y las diversas salidas que al interior dan en San Lorenzo al Norte, el Misisipi al sur y las inmensas canalizaciones al centro. La Republica Argentina es una y indivisible.¹⁶

¹⁴ SARMIENTO, *Facundo...*, Op. Cit., p. 23.

¹⁵ Id. Ibid, p. 29.

¹⁶ Id. Ibid, p. 22.

Em Alberdi, apesar de menos desenvolvida que em Sarmiento, a preocupação com o condicionamento ambiental não é menor, já que a geografia de grandes espaços vazios contribuiria para reverter homens e até animais domésticos ao estado de selvageria:

Assim, a Europa exerce na América uma ação civilizadora, ao passo que a América exerce sobre a Europa uma reação em sentido oposto. Isto sucede no homem como sucede nos animais. Notou-se que os animais domésticos levados da Europa recuperam na América o seu tipo e sua índole primitivos e selvagens. (...) Como deserto, o novo mundo tem uma ação retardatária e reacionária sobre o antigo.¹⁷

Percebe-se, pois, que somada à “natural” inferioridade das raças que povoavam a América Latina, acrescentar-se-ia a negatividade do meio ambiente, que torna os homens selvagens, ociosos e virtualmente irredutíveis à “civilização”. Este é um aspecto importante, porque este mesmo meio ambiente – contraditoriamente – na medida em que é hostil e bravio, foi tratado pelos autores como um fator de estímulo ao progresso, como veremos no tópico a seguir.

1.3 Cidade x Campanha ou Litoral x Interior

O meio ambiente, cuja hostilidade serviu de justificativa para o embrutecimento do homem, é apresentado por outro lado como farto e generoso no suprimento das necessidades essenciais. Aquelas planícies que lembravam o deserto permitiram uma grande proliferação de gado bovino, de forma que, segundo Sarmiento, não há necessidade de empregar a inteligência e o engenho na luta pela vida.

La procreación espontánea forma y acrece indefinidamente la fortuna; la mano del hombre está por demás; su trabajo, su inteligencia, su tiempo no son necesarios para la conservación y aumento de los medios de vivir. Pero sin nada de esto necesita para lo material de la vida, las fuerzas que economiza no puede emplearlas como el romano: fáltale la ciudad, el municipio, la asociación íntima, y por tanto, fáltale la base de todo desarrollo social; no estando reunidos los estancieros, no tienen necesidades públicas que satisfacer: en una palabra, no hay ‘res pública’.¹⁸

¹⁷ ALBERDI, Governar é Povoar..., p. 40.

¹⁸ SARMIENTO, Op. Cit., p. 27.

Em outras palavras, o pensamento de Alberdi é semelhante. O autor adverte que a única forma de desenvolver a sociedade é através do trabalho, ou seja, numa relação direta com as dificuldades que a natureza oponente na luta pela vida.

O homem produz não em proporção da fertilidade do solo que lhe serve de instrumento, senão em proporção da resistência que o solo lhe oferece para que produza. A terra pobre faz o homem rico, porque a pobreza da terra estimula o trabalho do homem, que mais tarde deve a ela sua riqueza. A terra que produz sem trabalho só fomenta homens que não sabem trabalhar. Não morrem de fome mas jamais serão ricos. São parasitas do solo e vivem como as plantas (...).¹⁹

Torna-se interessante aqui um paralelo entre estas observações de Sarmiento e Alberdi com diagnóstico análogo feito pelo “ilustrado” espanhol Félix de Azara em sua célebre “memória” de 1800.²⁰ É evidente, se traçarmos um paralelo com o tópico anterior, em que o meio ambiente é justificado como fonte de atraso por duas razões contraditórias: pela sua hostilidade, trabalhando no sentido do embrutecimento, e pela sua abundância, responsável pela ociosidade. Desta forma, a campanha argentina apresenta um atraso que precisa ser revertido através de uma modificação levada em dois sentidos: desenvolvimento de comunicações que desfizessem o isolamento, e mudanças na atividade econômica, trazendo populações “superiores” que vejam no trabalho da terra uma possibilidade de riqueza, e buscando sua riqueza individual tragam o bem da coletividade – uma síntese quase do pensamento liberal.

Por outro lado, se na campanha se localiza todo o atraso, é nas cidades portuárias que se concentrava quase uma transposição da civilização européia. As múltiplas atividades proporcionadas pela cidade, beneficiada com o contato fácil com o exterior, faziam dela a antítese do que se operava no interior. Sarmiento é explícito:

¹⁹ ALBERDI, Op. Cit., p. 43-44.

²⁰ AZARA, Félix. Memória Rural do Rio da Prata. In: FREITAS, Décio. *O Capitalismo Pastoril*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1981, p.53-73.

La ciudad es el centro de la civilización argentina, española, europea; allí están los talleres de las artes, las tiendas del comercio, las escuelas y colegios, los juzgados, todo lo que caracteriza, en fin, los pueblos cultos. La elegancia en los modales, las comodidades del lujo, los vestidos europeos, el frac y la levita, tienen allí su teatro y su lugar conveniente.²¹

Alberdi faz uma classificação distinta de Sarmiento, mas utilizando os mesmos matizes. Não é exatamente a pertinência ou não às cidades que definiria a civilização ou a barbárie, mas a localização no litoral ou no interior. De maneira análoga, no entanto, é pela presença da Europa moderna num caso e sua ausência em outro que se definiria o progresso ou o atraso, com a ancestralidade hispânica sendo a responsável pelo primeiro no interior do país, ao passo que os contatos mercantis com as nações desenvolvidas davam um novo alento às cidades portuárias litorâneas:

La única subdivisión que admite el hombre americano español es un hombre del litoral y hombre de tierra adentro o mediterráneo. Esta división es real y profunda. El primero es fruto de la acción civilizadora de la Europa de este siglo que se ejerce por el comercio y por la inmigración en los pueblos de la costa. El otro es obra de la Europa del siglo XVI, de la Europa del tiempo de la conquista, que se conserva intacto como en un recipiente, en los pueblos interiores de nuestro continente, donde lo colocó España con el objeto de que se conservase así.²²

Temos assim bem caracterizada nos dois autores uma dualidade: existem convivendo simultaneamente duas sociedades, e uma delas, por sua inserção no mundo moderno, deve necessariamente transformar a outra. Esta é a base para o raciocínio de Sarmiento e Alberdi de que existem etapas históricas a serem transpostas: o mundo moderno está presente “objetivamente” nas cidades ou no litoral, mas o interior, onde predominam as atividades rurais ainda aos moldes coloniais, está atrasado em relação a este desenvolvimento, pertencendo portanto a uma etapa “medieval” ou “feudal”. Este é o aspecto central da obra destes autores, já que é por primeira vez que surge o “diagnóstico feudal” como explicativo para os problemas argentinos.

²¹ SARMIENTO, Op. Cit., p. 25.

²² ALBERDI, *Bases y Puntos...*, p. 83.

1.4 Atraso e feudalismo

Sarmiento via os caudilhos como líderes “naturais” de hordas de gaúchos barbarizados, que tinham sido “naturalmente” condicionadas para a violência. Os homens do campo eram habituados ao sacrifício dos animais, ao uso das armas brancas e ao correr de sangue, nas suas tarefas. Mas o uso da faca não se dava apenas nos trabalhos cotidianos e era motivo permanente de queixas a presença de *malentretidos* nos *boliches* e *pulperias*, aproveitando-se da ociosidade para confusões e arruaças. Nesses locais eram freqüentes os duelos de arma branca. Por vezes tinham um caráter apenas competitivo, como adverte Sarmiento:

El gaucho, a la par de jinete, hace alarde de valiente, y el cuchillo brilla a cada momento, describiendo círculos en el aire, a la menor provocación, o sin provocación alguna, sin otro interés que medirse con un desconocido; juega a las puñaladas, como jugaría a los dados. (...) Su objeto es sólo 'marcarlo', darle una tajada a la cara, dejarle una señal indeleble.²³

No caso de ocorrer algum crime de morte nestes duelos, o criminoso, mesmo sofrendo a perseguição das autoridades, tinha possibilidades de safar-se, contando com a proteção de alguns caudilhos de outras áreas rurais, se fosse bem relacionado:

Si sucede una 'desgracia', las simpatías están por el que desgració; el mejor caballo le sirve para salvarse a parajes lejanos, y allí lo acoge el respeto o la compasión. Si la justicia le da alcance, no es raro que haga frente, y si 'corre la partida', adquiere un renombre desde entonces, que se dilata sobre una ancha circunferencia.²⁴

Em Sarmiento, as conotações depreciativas de “barbárie” e “selvageria” derivadas deste ambiente, terminam por qualificar uma forma de vida que já foi ultrapassada pela civilização européia, cabendo aos organizadores da nova sociedade argentina – representantes legitimados pelo projeto civilizatório – a superação desta etapa. Desta forma, caberia à intelectualidade das cidades pautar estas diretrizes, para os executores políticos do programa liberal, ou seja, dar ao Partido Unitário a tarefa de transformação. O atraso, condicionado por fatores raciais, geográficos e pela organização social da campanha, viria a se concretizar num tipo de tipo de associação caracterizada pela

²³ SARMIENTO, op. cit., p. 42.

²⁴ Id. Ibid, p. 43.

descentralização do poder, pela dispersão populacional e pela economia voltada para a reprodução eterna destas condições. Isto para Sarmiento definia uma sociedade como “medieval” ou “feudal”, e os caudillos provincianos assumiriam o papel dos “barões” da Europa da Idade Média:

Ignoro si el mundo moderno presenta un género de asociación tan monstruoso como este. (...) Es, en fin, algo parecido a la feudalidad de la Edad Media, en que los barones residían en el campo, y desde allí hostilizaban las ciudades y assolaban las campañas, pero aquí faltan el barón y el castillo feudal. Si el poder se levanta, es momentáneamente, es democrático: ni se hereda, ni puede conservarse, por falta de montañas y poblaciones fuertes.²⁵

Sobre esta característica do poder pessoal de caudillo em relação à horda formada pelos gaúchos, sem relações com quaisquer instituições sociais sólidas mas firmada em ligações pessoais, o autor é mais explícito num outro texto:

La tradición es, por otra parte, el arma colectiva de estas estólicas muchedumbres embrutecidas por el aislamiento y la ignorancia. Facundo Quiroga había creado desde 1825 el espíritu gregario; al llamado suyo, reaparecía el levantamiento en masa de los varones a simple orden del comandante o jefe: la primitiva organización humana de la tribu nomade, en país que había vuelto a la condición primitiva del Asia pastora. El sentimiento de obediencia se transmite de padres a hijos y al fin se convierte en segunda naturaleza. El Chacho no uso la coerción que casi siempre es necesaria para los gobiernos cultos llamar varones a la guerra.²⁶

Sarmiento, numa das tantas diatribes contra Rosas, afirma que seus hábitos sanguinários tinham raízes na sociedade rural do Prata: *"Rosas no ha inventado nada; su talento ha consistido sólo en plagiar a sus antecesores, y hacer de los instintos brutales de las masas ignorantes un sistema meditado y coordinado fríamente."* No mesmo parágrafo, atribui a Rosas o uso corriqueiro da degola como uma das tantas usanças dos *gauchos* que assumia para reinar sobre as massas rurais:

El ejecutar con el cuchillo, 'degollando' y no fusilando, es un instinto de carnicero que Rosas ha sabido aprovechar para dar todavía a la muerte formas gauchas, y al asesino placeres horribles;

²⁵ SARMIENTO, Op. Cit., p. 27.

²⁶ SARMIENTO, Domingo F. El Chacho. In: *Vidas del Chacho*. Buenos Aires: Rodolfo Alonso Editor, 1973. p. 75.

sobre todo, para cambiar las formas 'legales' y admitidas en las sociedades cultas, por otras que él llama americanas y en nombre de las cuales invita a la América a que salga en su defensa (...) ²⁷

Neste sentido, a própria simbologia adotada pelos caudilhos federais refletia este apego à “barbárie” da campanha. O uso obrigatório das divisas *coloradas* como insígnias do Partido Federal, imposto por Rosas, assume para Sarmiento a referência ao gosto pelo sangue desenvolvido pelos homens da campanha, em oposição ao azul, adotado como cor pelos *unitários*:

Los colores argentinos son el celeste y el blanco; el cielo transparente de un día sereno, y la luz nítida del disco del sol; la paz y la justicia para todos. (...) ¿Sabeis lo que es el color colorado? (...) ¿No es el “colorado” el símbolo que expresa violencia, sangre y barbarie? ²⁸

O autor associa a cor vermelha às “hordas bárbaras” da Ásia e da África, não por acaso presente nos pavilhões dos países islâmicos, identificando com essas os *federales*, mais um sinal inequívoco da “barbárie” que diagnostica na campanha platina. Aponta Artigas como o introdutor desse costume:

Artigas agrega al pabellón argentino una faja diagonal “colorada”.
Los ejércitos de Rosas visten de “colorado”.
Su retrato se estampa en una cinta “colorada”.
(...) La reacción encabezada por Facundo y aprovechada por Rosas se simboliza en una cinta colorada que dice: ¡terror, sangre, barbarie!
(...) Últimamente [Rosas] consagra este color oficialmente, y lo impone como una medida de Estado. ²⁹

Torna-se óbvio que só razões “estruturais” específicas, como as que os autores denunciam, poderiam tornar uma população tão arreada às benesses da vida moderna, ao passo que espontaneamente seguiam os *terratienientes* interioranos. Daí a preocupação “científica” dos autores para dar conta desta “anomalia cultural”.

Alberdi, que não aprofunda tanto o tema, também compartilha do diagnóstico de “feudal” de Sarmiento, pelas mesmas razões

²⁷ SARMIENTO, *Facundo...*, p. 48.

²⁸ Id. *Ibid*, p. 87-88.

²⁹ Id. *Ibid*, p. 88-89.

“sociológicas”. Como o anterior, também define o “feudal” pela aparência, sobretudo pela descentralização do poder.

Em política, por exemplo, a federação americana que não é senão o feudalismo de sua idade média.”³⁰

“Por el suelo extenso y desierto, por la colonización española mal establecida, por los restos de razas indígenas, por esos hechos que él [Sarmiento] llama normales y lo son, explica la existencia y la manera de ser la sociedad política y de los caracteres que son resultado normal. El caudillo en todas las jerarquías de la vida argentina, es la autoridad discrecional e irresponsable, y es así por una necesidad derivada del modo de ser de esa nación pastora.”³¹

Esta conclusão, pertinente aos dois autores, de que a situação da Argentina se devia a que um importante contingente populacional se encontrasse num estágio atrasado do desenvolvimento – caracterizado a partir do político como “feudal” – é de suma importância como marco da historiografia latino-americana. Uma apreciação desta natureza se constitui no primeiro passo para detecção e diagnóstico de um problema na estrutura do social, servindo como embasamento para um programa de completa reformulação da sociedade pela adoção do liberalismo econômico e formas liberais de governo. A partir deste ponto, teremos uma divergência cada vez se acentuando mais entre Sarmiento e Alberdi quanto à forma deste governo liberal: se unitário ou federalista.

2. OS RUMOS PARA O PROGRESSO

As medidas práticas preconizadas por Sarmiento consistem na desarticulação daqueles fatores que “naturalmente” originaram os problemas de uma sociedade dual, com um setor moderno localizado nas cidades – Buenos Aires, especialmente – e uma grande parcela da população vivendo a “feudalidade” das campanhas interioranas. Tais medidas passam por uma dinamização das comunicações, com o aproveitamento pela “livre navegação” da ampla bacia hidrográfica do Rio da Prata, além da instalação de ferrovias, símbolo máximo do “progresso” europeu. Obviamente, a ocupação dos vazios populacionais, condição de “civilização”, dever-se-ia fazer com a imigração de europeus,

³⁰ ALBERDI, Juan B. *Gobernar é Povoar...*, p. 40.

³¹ ALBERDI, *Cartas Quillotanas*, p. 80.

o que pressupunha, entre outras coisas, a adoção de legislações similares às dos países adiantados, além de uma ampla liberdade religiosa que permitisse o afluxo de contingentes anglo-saxões. O papel da educação é central, devendo ser uma atribuição governamental, o que lembra a preocupação dos governos positivistas que mais tarde haveriam de predominar em vários países latino-americanos. De resto, Sarmiento enquanto governador da província de San Juan e mais tarde como presidente, celebrou-se pelos seus programas educacionais de massa. Assim, comunicações, ocupação de terra por populações formadas por raças adequadas ao desenvolvimento, educação, constituíam a síntese necessária para a transformação da república.³²

Como executar este programa? Para Sarmiento isto só seria uma possibilidade se fosse constituído um governo unitário forte, centralizado na região mais rica e civilizada da Argentina. Desta forma, após a derrota final de Rosas em Caseros, Sarmiento abandonou o vencedor Urquiza – para ele mais um dos tantos caudilhos *federales* representantes do “feudalismo” americano – agregando-se às hostes de Mitre, governador de Buenos Aires e principal líder *unitário* portenho. A missão política do governo deveria ser uma radical destruição das lideranças isoladas do interior, resistentes “naturais” ao progresso. Não poderia haver qualquer contemplação ou acordo, mas dominação pela força e imposição do modelo liberal. Só através da destruição completa dos caudilhos interioranos poderia a Argentina viabilizar as transformações necessárias para alcançar o grau de desenvolvimento dos países mais adiantados e superar a dualidade de sua organização social, responsável por seu atraso.

El bárbaro es insensible de cuerpo, como es poco impresionable por la reflexión, que es la facultad que predomina en el hombre culto; es por tanto poco susceptible de escarmiento. Repetirá cien veces el mismo hecho si no ha recibido el castigo en la primera.”³³

“Los ‘guerrillas’ desde que obran fuera de la protección de gobiernos y ejércitos, están fuera de la ley y pueden ser ejecutados por los jefes en campaña.”³⁴

³² SARMIENTO, *Facundo...*, p. 131, 176 e 182; El Chacho., p. 198.

³³ SARMIENTO, *El Chacho...*, p. 74

³⁴ Id. *Ibid.*, p. 195.

Durante a Guerra do Paraguai, quando o então presidente Mitre era o comandante do exército da Tríplice Aliança, Sarmiento escreveu para o vice-presidente em exercício, Marcos Paz, sobre os recrutamentos forçados que estavam sendo realizados pelas províncias argentinas: “*No aborre sangre de gaúchos; si para algo sirve, es para abonar la tierra.*”

Em Alberdi, as modificações necessárias para que se atinja o progresso são praticamente as mesmas apontadas por Sarmiento. É notória especialmente sua preocupação com o povoamento, desde que realizado a partir de uma imigração de gentes de origem anglo-saxônica. Neste sentido, a própria educação deveria voltar-se para contemplar estes novos tempos, abandonando a formação bacharelesca herdada dos tempos coloniais ibéricos:

La instrucción, para ser fecunda, ha de contraerse a ciencias y artes de aplicación, a cosas prácticas, a lenguas vivas, a conocimientos de utilidad material y inmediata.

El idioma inglés, como idioma de la libertad, de la industria y del orden, debe ser aún más obligatorio que el latín; no debiera darse diploma ni título de al joven que no lo hable o no lo escriba.³⁵

Era necessário atrair imigrantes anglo-saxônicos que transformassem a população do país, única possibilidade de se alcançar um sistema político racional, a liberdade econômica e o desenvolvimento industrial. Existia, para Alberdi, um exemplo vivo desta experiência com a incorporação da Califórnia pelos Estados Unidos da América:

“Lo que es de nuevo allí [California] y lo que se origen real del cambio favorable, es la presencia de un pueblo compuesto de habitantes capaces de industria y del sistema político que no sabían realizar los antiguos habitantes hispanoamericanos. La libertad es una máquina que, como el vapor, requiere para su manejo maquinistas ingleses de origen. Sin la cooperación de esa raza es imposible aclimatar la libertad y el progreso material in ninguna parte.³⁶

Para repetir o sucesso ocorrido entre os californianos, Alberdi propôs que a nova leva anglo-saxônica fosse atraída para fundir-se com a população nativa do país, transformando a sua matriz racial: “*Crucemos con ella nuestro pueblo oriental y poético de origen, le daremos la aptitud del progreso y de*

³⁵ ALBERDI, *Bases...*, p. 77.

³⁶ Id. *Ibid*, p. 242.

la libertad practica, sin que pierda su tipo, su idioma, ni su nacionalidad."³⁷ Em outro trecho, o autor é mais incisivo:

Necesitamos cambiar nuestras gentes incapaces de libertad por otras gentes hábiles para ella, sin abdicar el tipo de nuestra raza original, y mucho menos el señorío del país; suplantar nuestra actual familia argentina por otra igualmente argentina, pero más capaz de libertad, de riqueza y progreso. ¿Por conquistadores más ilustrados que España, por ventura? Todo lo contrario, conquistando en vez de ser conquistados. La América del Sur posee un ejército a ese fin, y es el encanto que sus hermosas y amables mujeres recibieron en su origen andaluz, mejorado por el cielo espléndido del Nuevo Mundo.³⁸

As mulheres, parte desta natureza americana, seriam os ventres de uma nova raça concebida pelos hóspedes que representavam a cultura desenvolvida na Inglaterra. Isto viabilizaria as necessidades de modernização nas comunicações, com desenvolvimento dos transportes fluviais e ferroviários, correios etc, bem como os programas educacionais que possibilitassem uma integração de toda a população a uma nova sociedade.³⁹ A partir daqui apareceram alterações com Sarmiento.

Alberdi, ao contrário de Sarmiento, engajara-se na luta contra Rosas como seguidor próximo de Urquiza, o maior *terateniente* da província *litoraleña* de Entre Rios. Daí sua modificação do conflito cidade-campo de Sarmiento em litoral-interior, já que era necessário justificar – pelas mesmas razões “científicas” que utilizara Sarmiento – a liderança política em uma forma federalista, com o centro fora de Buenos Aires. Estava claramente definida a disputa entre duas oligarquias pecuárias, a *porteña* e a *entrerriana*, pela ocupação do poder. Desta forma, não poderia Alberdi apoiar seu programa de desenvolvimento numa mera destruição das lideranças interioranas, mas procurar uma fórmula de compatibilizar os interesses dispersos numa vocação “histórica” da Argentina para uma organização federalista.⁴⁰ As próprias medidas de “progresso” adotadas garantiriam, sem necessidade de uso da força, uma transformação nas mentalidades capaz de manter a hegemonia a partir dos setores mais desenvolvidos da sociedade. Assim, o que preconizava era uma política de tolerância e progressiva adaptação dos setores “feudais” na vida moderna.

³⁷ Id. Ibid. p. 242.

³⁸ Id. Ibid. p. 233-234.

³⁹ ALBERDI, *Cartas...*, p. 141-151.

⁴⁰ ALBERDI, *Bases...*, p. 143-154.

Combatir el caudillo y el caudillaje, quiere decir acabar con el poder discrecional, o lo que es igualmente el 'derecho' y la 'libertad'. Pero si el caudillo es una expresión necesaria y útil de la vida pastora tal cual hoy existe, no hay más medio de acabarlo- según el sistema de Facundo – que concluir con el desierto, con las distancias, con el aislamiento material, con la nulidad industrial, que hacen existir al caudillo como su resultado lógico y normal. He ahí la política de la razón, la política sensata que parte de donde debe partir, del estudio imparcial del suelo, del hombre, de la sociedad, peculiares de su aplicación.⁴¹

É, pois, nítida nos dois autores a preocupação com uma modificação da sociedade por via do político, já que a avaliação de ambos quanto ao atraso se define por peculiaridades políticas. Todo o encadeamento lógico montado a partir de causas “naturais” e, portanto, passíveis de compreensão, serve como justificativa para a implantação de uma forma liberal de governo – unitária ou federalista conforme os interesses dos grupos aos quais serviam – que fosse capaz de atualizar o desenvolvimento da república, ou seja, articulá-la ao mercado internacional dominado pela Inglaterra.

CONCLUSÃO

O fator determinando na produção de conhecimento de Sarmiento e Alberdi é a forma como ambos vêem a realidade. Esta como objeto do conhecimento é exterior ao pensamento, é algo objetivo e palpável e pode ser compreendida por quem dela se aproxime tendo um instrumental científico. Assim como a natureza possibilitou o desenvolvimento de atividades científicas que lhe determinaram as leis de seus movimentos, a sociedade também é passível de uma abordagem semelhante, e a ciência social é uma possibilidade concreta. Para tanto, bastaria ao cientista um cabedal de conhecimentos acumulado pela humanidade, uma abordagem do objeto como algo neutro e exterior ao pensamento, além da postura imparcial do estudioso em relação ao objeto examinado. Desta forma, ambos os autores, na medida em que detém uma grande erudição formada em estudos nas academias européias tinham por presumido o primeiro ponto citado. Sua busca de causalidades “naturais” para os fenômenos sociais observados,

⁴¹ ALBERDI, Cartas..., p. 89.

especialmente aqueles aspectos que aproximavam a análise social de uma ciência natural, portanto obedecendo as leis evolucionistas que os cientistas europeus progressivamente levantavam, faziam da realidade social algo exterior ao cientista, que de maneira alguma intervinha no processo social observado. Como consequência lógica, sua intervenção era imparcial e não tinha nenhuma conotação o pensamento político do cientista-agente social., que apenas fazia o trabalho de levantar os fatos “tais quais estes se manifestavam” e concluir logicamente as “leis naturais” diretoras dos movimentos.

Assim, conclusões sobre superioridade racial, condicionamentos do meio ambiente, formas que assumia o cotidiano das populações, etapas do desenvolvimento histórico, são considerados como fatos objetivos, ao alcance da compreensão de todos aqueles que se dispõem a apreendê-los. A crítica que fazem a outros autores – é o caso de Alberdi quando ataca Sarmiento nas cartas – é atribuída a uma parcialidade destes autores, que não examinam com isenção os fenômenos que se propõe estudar. Com o suporte científico e imparcialidade, a realidade torna-se clara e compreensível, não podendo ser adulterada pelo cientista consciente de seu trabalho.

Não é o objetivo aqui deslindar a falsidade de certas “leis” que os autores determinam como superioridade racial e formas de condicionamento da natureza. Importa mais o fato de pensarem a realidade como algo dado e objetivo, sendo o conhecimento a apreensão em maior abrangência possível das características do objeto.

Finalmente, chama a atenção o condicionamento ideológico de Sarmiento e Alberdi. Subvertendo completamente aquele pressuposto que julgavam fundamental, a imparcialidade, seu pensamento está impregnado pela ideologia do liberalismo, atribuindo-lhe o papel de guia incondicional dos destinos da humanidade, e única maneira de se alcançar os benefícios da civilização. Todas as justificativas levantadas para alcançar as relações causa-efeito responsáveis pelo atraso terminariam por definir certas organizações de sociedade que são diversas daquelas preconizadas pela ideologia democrático-liberal, conseqüentemente defasadas no tempo e necessitando de reformas substanciais. A forma como pretendiam a aplicação e desenvolvimento destes princípios liberais também estava diretamente relacionada aos partidos políticos de que eram parte, em última análise aos grupos de poder a quem davam suporte. Desta maneira, a divergência política entre Sarmiento e Alberdi deve-se menos a seus posicionamentos intelectuais, que são semelhantes, do que às facções da oligarquia argentina em luta pelo poder.

REFERÊNCIAS

- ALBERDI, Juan Bautista. Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina. Buenos Aires: Plus Ultra, 1984.
- _____. *Cartas Quillotanas*. Buenos Aires: Ediciones Estrada, 1945.
- _____. Governar é Povoar. In: *Bases e Pontos de Partida para a Organização Política da República Argentina*. Rio de Janeiro: Divisão de Cooperação Intelectual do Ministério de Relações Exteriores, 1941.
- AZARA, Félix. Memória Rural do Rio da Prata. In: FREITAS, Décio. *O Capitalismo Pastoral*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1981, p.53-73.
- CHIARAMONTI, J. Carlos. Genesis del “Diagnóstico” Feudal en la Historia Hispano-Americana. In: *Formas de Sociedad y Economía en Hispano-América*. México: Editorial Grijalbo, 1983. p. 52-63.
- FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. Caliban. In: *Caliban e outros ensaios*. São Paulo: Busca Vida, 1988, p.13-73.
- GUZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *Caudillos e Montoneros de La Rioja: Sociedade e Discurso (1862-1867)*. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de Mestrado), 1990.
- KATRA, William. Sarmiento en los Estados Unidos. *Todo es Historia*. Buenos Aires: Año XXII, sep. 1988, n.º 255, p.6-45.
- LACAY, Celina. Sarmiento y la Formación de la Ideología de la Clase Dominante. Buenos Aires: Contrapunto, 1986.
- ORIONE, Julio. Sarmiento y la Ciencia. *Todo es Historia*. Buenos Aires: Año XXII, sep. 1988, n.º 255, p.46-55.
- MORENO, Nahuel. Método de Interpretación de la Historia Argentina. Buenos Aires: Pluma, 1975.
- PLA, Alberto J. Ideología y Método en la Historiografía Argentina. Buenos Aires: Nueva Visión, 1972.
- SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo o Civilización y Barbarie*. Buenos Aires: Editorial Sopena Argentina, 1952.
- _____. El Chacho. In: *Vidas del Chacho*. Buenos Aires: Rodolfo Alonso Editor, 1973.
- SHUMWAY, Nicolás. *La Invención de la Argentina*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1993.
- ZORRILLA, Rubén H. *Extracción Social de los Caudillos*. Buenos Aires: La Pleyade, s/d.